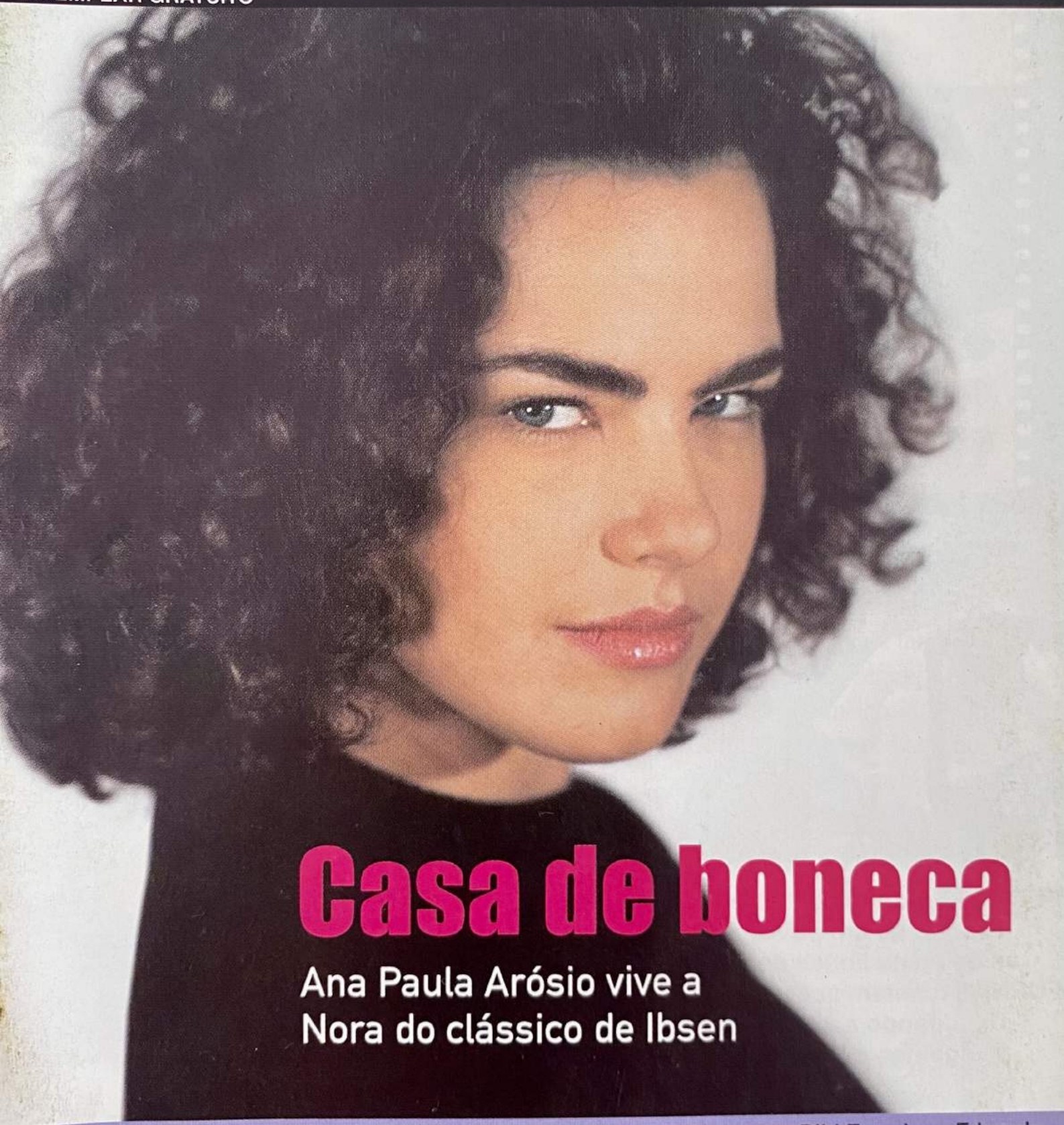
APLAUSO

ANO III Nº 31

teatro

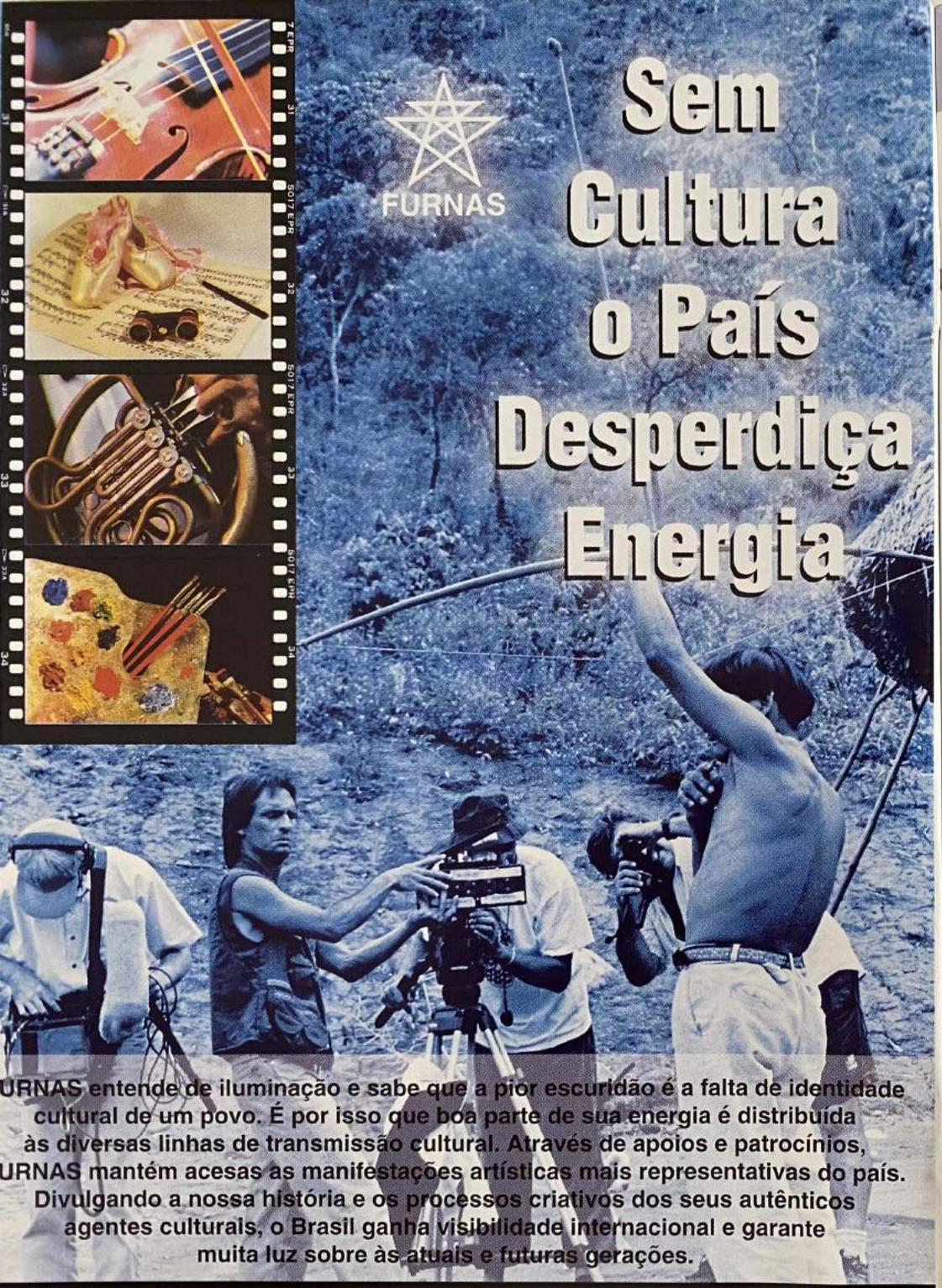
EXEMPLAR GRATUITO



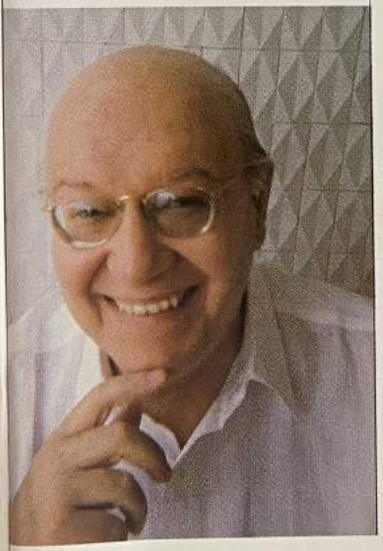
Casa de boneca

Ana Paula Arósio vive a Nora do clássico de Ibsen

Jornal do Teatro • Em Cartaz • Aderbal Freire-Filho • André Paes Leme • Bibi Ferreira • Eduardo Wotzik • Jonas Bloch • Milton Gonçalves • Nathalia Timberg • Renata Sorrah • Sérgio Viotti



Uma mina profunda

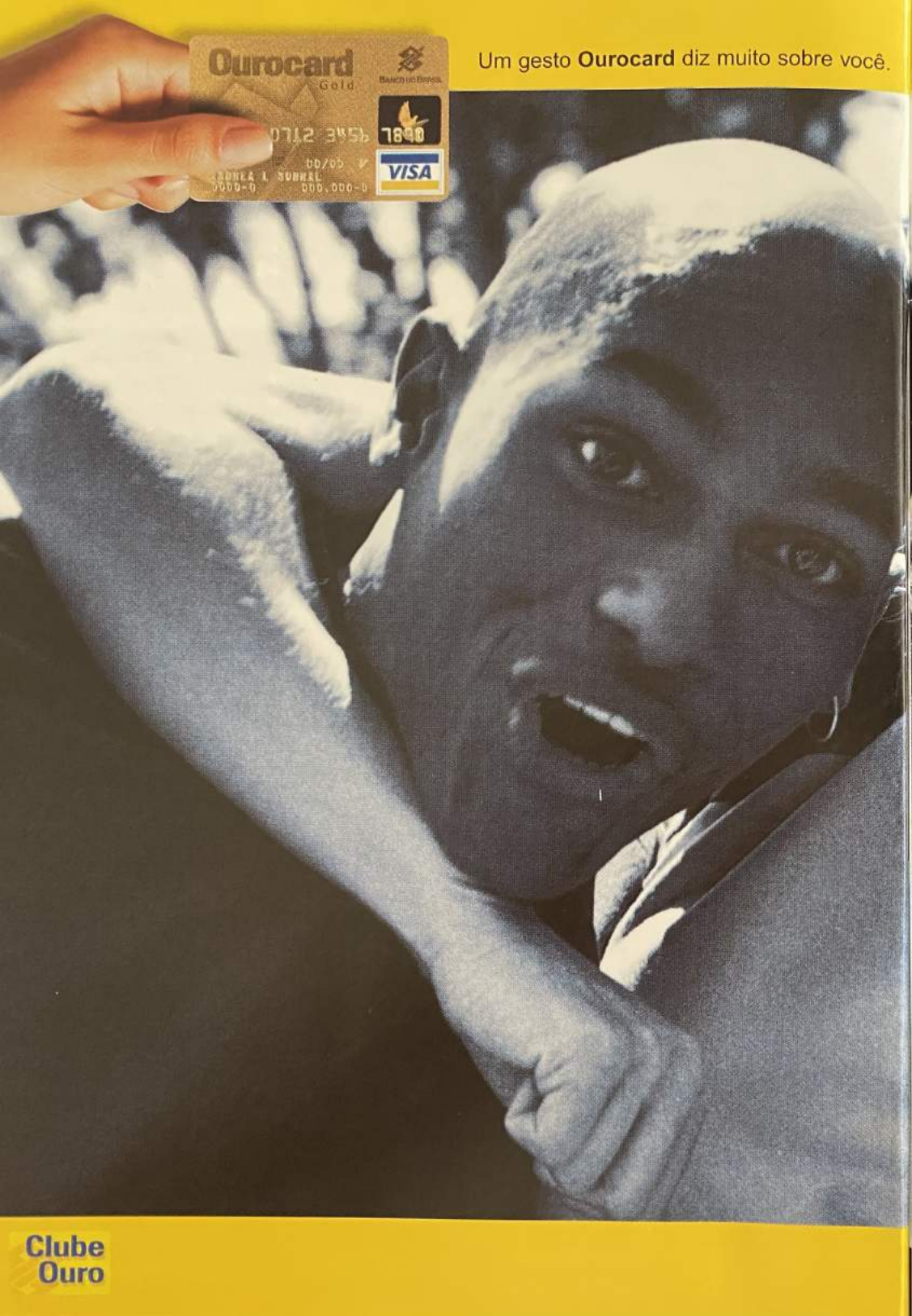


Há dez anos, faço um espetáculo-solo com monólogos de Shakespeare, *As Idades do Homem*. Surgiu do meu grande respeito e da veneração que tenho pela obra do escritor. E da minha incontida vontade de semear, onde pudesse, aquelas palavras belas e sábias. Eu me dava conta da enorme responsabilidade que era me aventurar a desvendar este universo vasto e riquíssimo. Mas enfrentava o desafio com o que eu concluí ser um espanto humilde. Espanto diante da grandeza, humildade necessária, já que não nos aproximamos do velho William a não ser em reverência. O que começou para marcar meus trinta anos de trabalho como ator prolongou-se, sem me dar conta, chegando agora ao 40º aniversário.

Perguntam-me: "por que Shakespeare?" E eu me digo: "como me censurar um mergulho em tamanha riqueza?" Perguntam-me: "você não se cansa de repetir o igual ao longo de dez anos?" Respondo: "como me furtar à magia de tamanha amplitude? Como ignorar o aprendizado que é o refazer e tentar fazer mais e sempre na busca do meu melhor?" Outra magia: a procura, o querer descobrir, o encontro. Faz algumas semanas apresentei *As Idades do Homem* numa noite em benefício. Ao fim, aproximou-se de mim uma senhora de seus 60 anos, sorriso lindo, olhar iluminado: "eu queria lhe agradecer. Estava com receio de não entender Shakespeare, mas compreendi tudo o que o senhor disse e fui mais longe. Compreendi o que ele queria dizer."

Shakespeare é uma mina profunda. Como recusar alcançar tamanhas riquezas? Não sei quando irei parar.

Sérgio Viotti, outubro de 2001



Um gesto **Ourocard** diz muito sobre você.

Você evita gestos de adeus com gestos de aproximação.

BANCO DO BRASIL

Clube Ouro

www.bb.com.br
Central de Atendimento Ourocard 0800 990001

Até tu, Brutus!

Gerald Thomas continua surpreendendo. O diretor de teatro sonha agora em dirigir Caetano Veloso, Romário, Ronaldinho ou – acredite se quiser! – Antonio Carlos Magalhães. A proposta para ACM já está na cabeça de Thomas: os papéis de Brutus e César numa peça em que o político seria protagonista e antagonista. Ave, César!

Do papel ao palco

Quando foi lançado em 1989, o livro *Cenas Curtas*, de Isis Baião, ganhou do crítico Yan Michalski o comentário: "têm uma estrutura dramática consolidada que sustenta uma montagem profissional". Isto porque, na época, os textos da autora eram usados por alunos de escolas de teatro. Doze anos depois, *Cenas Curtas* ganha a primeira montagem profissional, estreando na Casa de Cultura Laura Alvim com elenco encabeçado por Débora Olivieri e Catarina Abdalla.

Acervo

Totalmente reformado, o Teatro Armando Gonzaga, em Marechal Hermes, acaba de reabrir suas portas com o projeto Teatro Brasileiro: Identidade e Perspectiva, sob a direção de Marcus Vinicius Faustini. Além da estréia de *Escrava Isaura*, marcada para dezembro, também estão previstos o lançamento da revista *Querela*, sobre teatro, e a inauguração da Biblioteca Popular Sérgio Britto, além de cursos e leituras dramatizadas.

Brincadeira séria

Depois de montar *A Tempestade*, o diretor Paulo Reis estréia *Sonho de uma Noite de Verão*, de Shakespeare, reabrindo o Teatro Ziembinski. O autor transforma uma história de amor numa grande brincadeira cênica, misturando gregos históricos, elfos celtas e operários medievais. O elenco conta com Anselmo Vasconcellos, Miguel Oniga, Elisa Lucinda e Mano Melo.

GOVERNO DO RIO RJ rio de janeiro SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

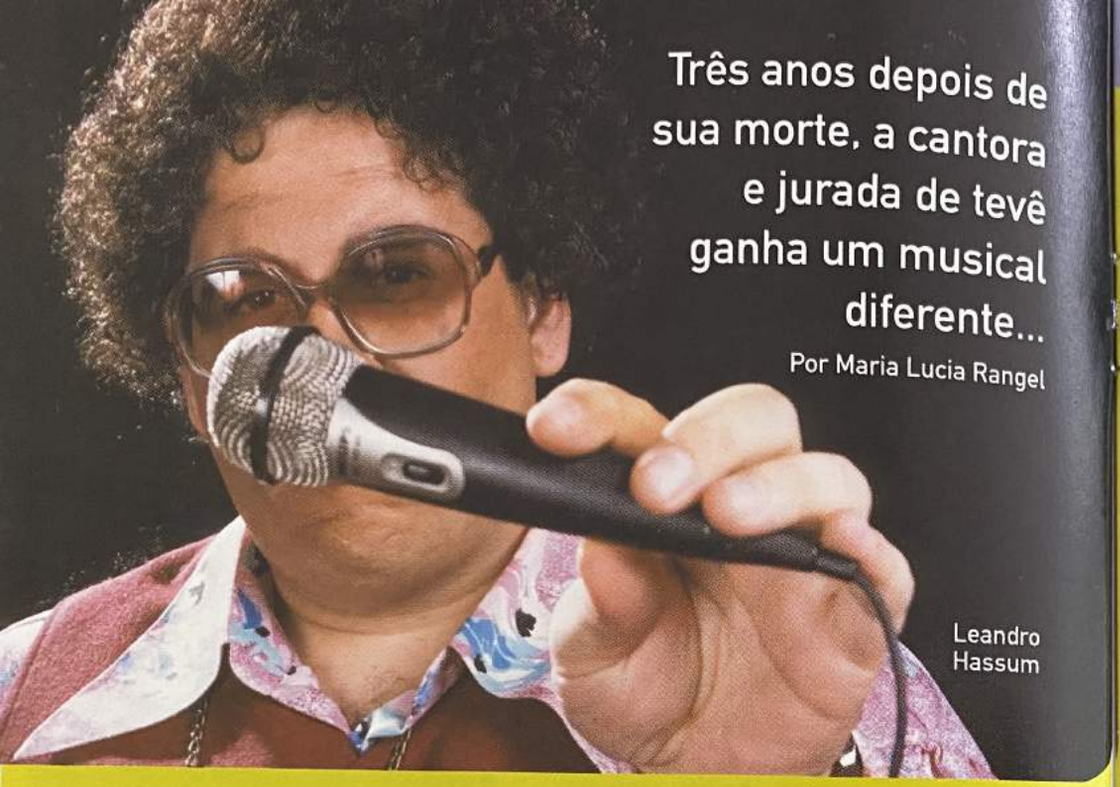
Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101. CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: divulgação.

Renata Sorrah

O prazer da reflexão

Renata Sorrah estréia Jantar entre Amigos.

A ação dramática no texto *Jantar entre Amigos*, de Donald Margulies, minha nova peça que estréia no Rio de Janeiro, apesar de enfocar a comédia amarga do cotidiano familiar, marcada por desencontros, frustrações, decepções, mágoas, perdas e solidão, adquire, num passo para o fundo, uma dimensão enorme sobre as complexidades da vida. Quando eu pensava que meus maiores questionamentos artísticos, sociais e femininos eram plenamente traduzidos em personagens épicos, heróicos ou doentios, reaparece em minha vida a possibilidade de verticalizar o sentido da análise humana através de personagens sutis, frágeis, demasiadamente humanos, de *approach* naturalista. Batizamos nossas polaróides assim de "Pequenos Terremotos". O que parece ser, à distância, vida simples e vulgar, de perto sofre os abalos da inviabilidade humana. Não foi por acaso que Donald Margulies recebeu o prêmio Pulitzer de melhor texto dramático do ano 2000 justamente por essa história de quatro amigos, ou dois casais se (des)conhecendo através dos traumas de uma separação. Esse jovem autor judeu conseguiu construir uma obra forte, realista, sombria e questionadora, que me lembra diariamente, em cada ensaio, as razões essenciais que me fizeram seguir até aqui com o bom teatro. Entre elas o prazer da reflexão criativa sobre a natureza humana."



Três anos depois de sua morte, a cantora e jurada de tevê ganha um musical diferente...

Por Maria Lucia Rangel

Leandro Hassum

Aracy de Almeida no país de Araca

O simples gesto de uma pessoa lembrou ao diretor Eduardo Wotzik a cantora e jurada de TV Aracy de Almeida, que morreu em 1988. É assim que ele vive. Sempre em busca de um novo desafio. O gesto desencadeou o processo criativo e ele estréia no CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil) dirigindo seu primeiro texto, *Aracy de Almeida no País de Araca*, um musical em formato diferente, onde a personagem-título está na peça em fotos, vídeos, voz em off e, principalmente, nas falas de todos os tipos que compõem o espetáculo. Mas não há uma atriz representando Aracy. Quem protagoniza a história é Araca, um homem que decide se operar para ficar o mais parecido possível com ela.

"O Araca é o que há de mais autêntico na peça, porque ele não quer se operar de novo para voltar a ser o que era. Ele quer ser Araca, até porque o personagem é mais interessante do que sua vida", conta Eduardo Wotzik, que percebeu em Aracy de Almeida, além da brasilidade, um tema que dava teatro. E o diretor adora isso. Sua última peça, *Um Equilíbrio Delicado*, era de Albee. Mas até chegar a Albee ele passou por Nelson Rodrigues, Tolstoi e Garcia Lorca. Por que não Aracy? "O meu exercício é me esvaziar para estar o mais antenado possível ao receber novos estímulos", admite.

A cara do Brasil

Aracy de Almeida é definida por ele como o mau-humor mais bem-humorado do Brasil: "O personagem que ela viveu e firmou foi o que mais me impressionou. Ela tinha uma expressão teatral brasileira, franca, honesta e autêntica. Quando comecei a pesquisar, percebi que a vida dela não era tão interessante no sentido cênico, com grandes amores ou grandes tragédias. Mas sua trajetória de mito é um pouco a cara do Brasil".

E como não queria fazer um musical biográfico, aquele em que o ator pára a cena para cantar, ele optou por escrever uma ficção. Convidou então Leandro Hassum para interpretar Araca. Ele canta, mas não com a responsabilidade de cantar ela. "Queria uma dramaturgia diferente. É como se eu estilhaçasse Aracy através de informações, objetos, músicas, pedaços de sua personalidade". Eduardo chegou assim a uma comédia. Porque Aracy é uma comédia: "Procurei brincar com quem brincava e tinha a capacidade de rir de si mesma".

O elenco tem 10 atores, entre eles João Carlos Barroso, Roberto Bataglin, João Camargo e Maria Gladys. Leoni faz a direção musical e Márcia Tanuri a preparação vocal. O espetáculo abre com um vídeo que mostra uma enquete feita na rua onde a pergunta é: "Você sabe quem foi Aracy de Almeida?" Pode-se imaginar que as respostas são as mais disparatadas...

FOTOS: ADRIANA PITTIGLIANI/DIVULGAÇÃO

Ou quando o preconceito dá lugar à solidariedade, à compreensão e à amizade.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Conduzindo Miss Daisy

Para Bibi Ferreira, diretora de *Conduzindo Miss Daisy*, a peça é uma ode à amizade. Nathalia Timberg chama a atenção para a compreensão, a solidariedade e a tolerância. Já para Milton Gonçalves, que faz o motorista da personagem-título, o preconceito é o tema da história. Escrita por Alfred Uhry, a comédia conquistou o Prêmio Pulitzer. E o filme, estrelado por Jessica Tandy, deu à atriz seu primeiro e único Oscar, em 1990, além de ter recebido também as estatuetas de melhor filme, melhor roteiro adaptado e melhor maquiagem. *Conduzindo Miss Daisy*, uma realização da Montenegro e Raman, estréia dia 19 no Teatro Ginástico.

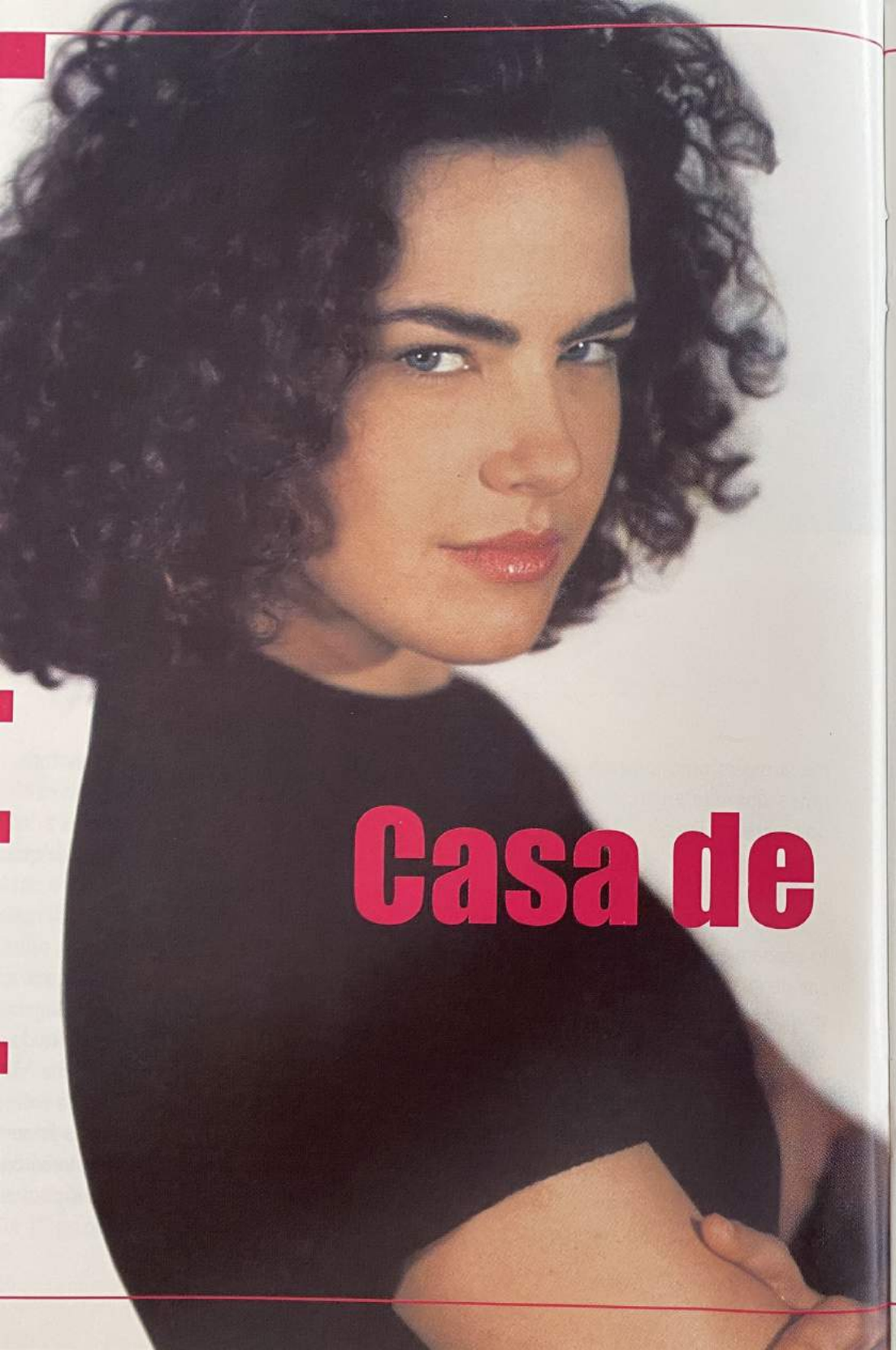
Passada no sul dos Estados Unidos, o texto acompanha 25 anos da história americana, dos anos 50 aos 70. Daisy Werthan, uma excêntrica e independente judia do sul dos Estados Unidos, aos 72 anos bate seu Packard 48, novinho, no jardim de seu vizinho. Seu filho Boolie (Reinaldo Gonzaga), temendo por sua segurança, insiste para que sua relutante mãe contrate um motorista particular. Daisy fica ressentida com a idéia de que não é completamente capaz de se cuidar. Mesmo assim, sem o conhecimento da mãe, Bollie contrata Hoke Colburn, um negro viúvo muito paciente, que já passou dos sessenta e que irá acompanhá-la até o fim de seus dias. Começa assim uma amizade que testa os limites das diferenças e semelhanças dos dois personagens.

Casamento platônico

As dificuldades iniciais do relacionamento acabam esbarrando no preconceito. "Apesar de Miss Daisy também pertencer a um grupo discriminado, já que é judia, o preconceito só é deixado de lado quando ela começa a descobrir a pessoa especial que é o motorista", diz Nathalia.

Milton Gonçalves compara o preconceito existente nos Estados Unidos com o do Brasil, país onde é difícil definir o que é ser negro e que tem um preconceito mais perverso. "Mas ao conhecer Miss Daisy, o motorista, analfabeto, encontra pela primeira vez alguém que se interessa em ensiná-lo a ler. Ele, por sua vez, dá à ela a humanidade que ela não tinha."

A diretora Bibi Ferreira lembra as dificuldades de se levar a peça para o teatro, principalmente por causa da correria com a maquiagem, que ajuda a marcar a passagem do tempo: "Se o filme é cinema teatralizado, nossa peça é teatro baseado no cinema." E lembra a amizade que surge de graça entre os dois personagens, sem interesses financeiros ou sexuais. Um casamento platônico onde as semelhanças se acentuam com o tempo de modo discreto e delicado.



Casa de boneca

O clássico de Ibsen agora tem Ana Paula Arósio como protagonista e produtora.

Nora era tratada como uma verdadeira boneca pelo marido, o advogado Helmer. Mimada e cercada pelo encanto de suas crianças, Nora, porém, guardava um segredo. Quando o marido descobre, a boneca vira bruxa e Nora compreende como era frágil sua felicidade. Ela abandona a "casa de boneca" sem aceitar qualquer ajuda... O norueguês Henrik Ibsen se inspirou numa notícia de jornal para escrever *Casa de Boneca*, que sobe ao palco da sala Marília Pêra, no Teatro Leblon, com Ana Paula Arósio dirigida por Aderbal Freire-Filho.

Numa peça anterior, *Colunas da Sociedade*, o norueguês Ibsen sustentava que as mulheres, que viviam excluídas dos privilégios legais da época, seriam as responsáveis pela salvação da sociedade. Em *Casa de Boneca* ele retoma o tema, só que dando a esta última um final trágico. A repercussão foi tanta, incentivada principalmente pelas feministas européias e norte-americanas, que o autor escreveu em resposta *Espectros*, em que mostra o que teria acontecido se Nora não tivesse saído de casa.

Para Aderbal Freire-Filho, há uma pergunta que ronda cada montagem de *Casa de Boneca*. Podem as ações e a rebeldia de uma mulher, na Noruega de 1879, ter ainda alguma relação com a nossa vida hoje? O diretor responde com palavras do próprio autor, que num discurso diante de um auditório de sufragistas, cerca de 20 anos depois da estréia da peça, declarou: "Eu não pertenço a vossa sociedade feminista.

O que escrevi sobre a mulher, escrevi sem espírito tendencioso. Fui mais poeta e menos filósofo social do que se pensa (...). Tenho batalhado muito em prol da libertação da humanidade em geral, e pode ser que tenha entrado aí a questão feminista. O poeta, o que batalha pela libertação da humanidade com a força de sua poesia, é eterno."

Coincidências

Em seis anos de carreira como atriz, Ana Paula Arósio está estreando seu quinto espetáculo. A carreira teatral, iniciada em 1996, foi interrompida em 98 pela televisão, quando protagonizou a minissérie *Hilda Furacão* e a novela *Terra Nostra*. Apesar do sucesso televisivo, que teve prosseguimento com a minissérie *Os Maias*, ela decidiu investir no teatro. É dela a produção de *Casa de Boneca*, junto com Nissia Garcia e Cláudio Rangel. O elenco tem conta ainda com Floriano Peixoto, Marcos Winter, Michel Bercovith e Sílvia Buarque.

"Eu, Aderbal, Nissia e Cláudio estávamos em busca de um texto", conta Ana Paula. "Eu estava relendo *Casa de Boneca*. Coincidentemente, a Nissia e o Aderbal também estavam fazendo a mesma coisa, e sem que nenhum soubesse do outro. Quando descobrimos, achamos um bom sinal, isso sem contar que todos nós gostamos muito do texto."

Para a atriz, a peça não trata da liberação da mulher. E, sim, de um assunto mais amplo, "como o fato de as pessoas se deixarem levar pelas convenções sociais e camuflarem o que são em sua essência. Trata-se de uma crítica à maneira hipócrita da sociedade se organizar", diz Ana Paula.

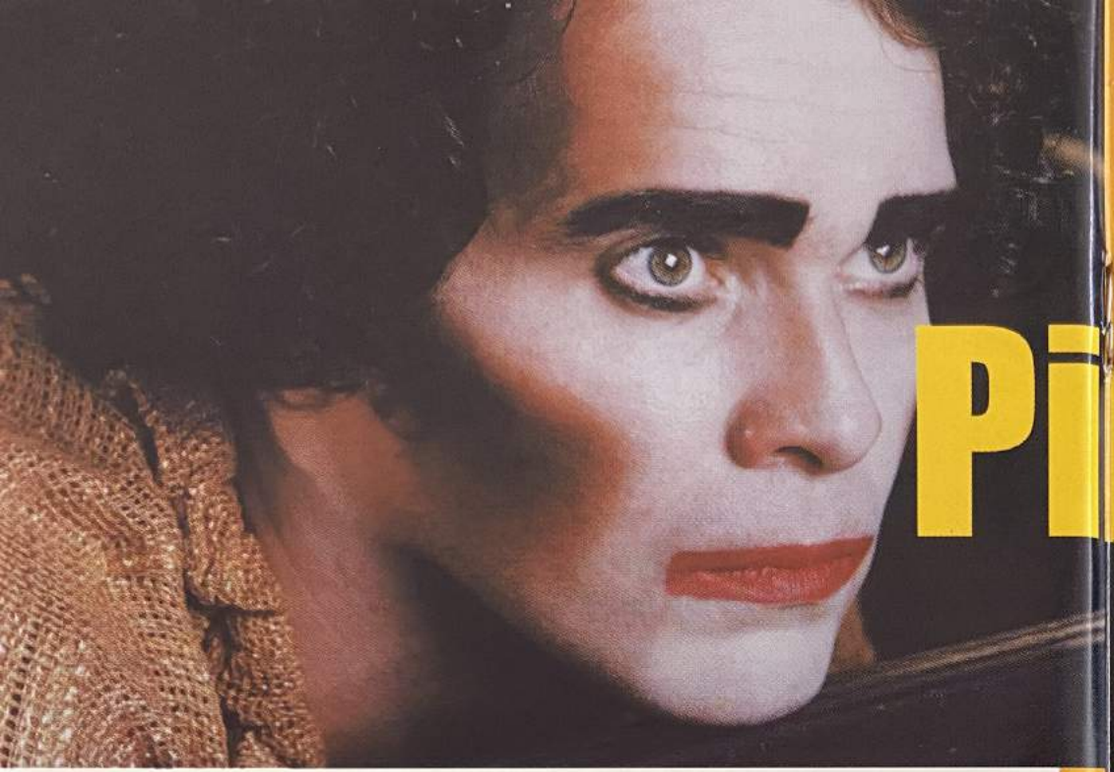
Floriano Peixoto, Sílvia Buarque, Michel Bercovith, Ana Paula Arósio e Marcos Winter.

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br



Pinóquio

Ou a dolorosa transformação de um boneco em gente...

Por Maria Lúcia Rangel

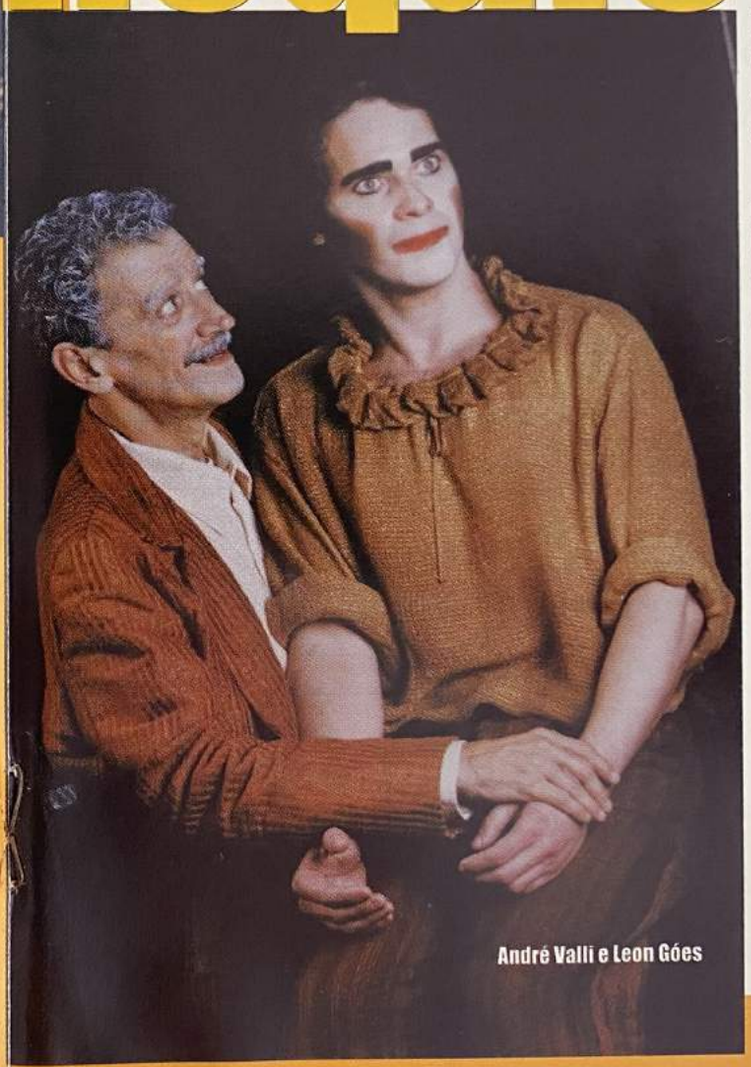
O boneco de madeira criado por Gepeto é um dos personagens mais famosos em todo o mundo. Não há quem não se lembre do nariz comprido que cresce na mesma proporção das mentiras contadas por ele. Mas a adaptação teatral de Moacyr Góes e Amandio Gomes foge da versão que teoriza a mentira. Para a dupla, o que importa é que Pinóquio só se transforma em gente se viver as experiências da vida. A peça que tem no papel-título o ator Leon Góes contracenando com André Valli (Gepeto) e Natália Lage (Raposa), entre outros, estréia dia 12 de outubro no Espaço 3 do Teatro Villa-Lôbos.

Moacyr Góes há um ano sonha em levar o seu Pinóquio para o palco. A fábula, que já ganhou várias versões cinematográficas – como a atual *Inteligência Artificial*, de Steven Spielberg - também está sendo filmada por Roberto Benigni e faz parte dos planos de Francis Ford Coppolla, que pensa em situá-la na Segunda Guerra Mundial. Uma história que se presta, segundo o diretor, a muitas interpretações, como educação e afirmação da humanidade. Mas a grande preocupação de Moacyr Góes, e também sua maior dificuldade, foi montá-la sem que perdesse a atmosfera de fábula, mas não uma fábula boba, com tratamento artificial: "procurei um sentido de verdade na interpretação dos atores. Os bichos, por exemplo, não são bichinhos. Preferi trabalhar em cima das idéias."

FOTOS: GUTO COSTA/DIVULGAÇÃO

Em busca do destino

A história é um relato da dolorosa transformação de uma criatura não-humana em um menino de verdade. O texto original de Carlo Collodi tem um claro propósito pedagógico numa primeira leitura. Mas logo vem o fascínio pelo mundo fantástico e inquietante em que se passam as aventuras do personagem. É este o mundo que também fascina Moacyr Góes. "Para virar gente, o Pinóquio tem de desobedecer mesmo e viver a própria vida, cheia de surpresas e infortúnios, amores e desamores", diz ele. "E não me preocupei em atualizá-la para o mundo de hoje. Ela trata de questões como perda, violência e sexo, mostrando que o boneco precisa sair em busca do seu próprio destino, deixando a casa de Gepeto, seu criador".



André Valli e Leon Góes

Outro aspecto abordado na peça – e que Moacyr conhece bem – é o drama do criador tentando dominar a sua obra: "A obra pertence ao público, à vida".

O elenco é encabeçado com atores velhos conhecidos do diretor. O irmão Leon Góes, André Valli e Natália Lage. A jovem atriz há tempos vem trabalhando com Moacyr, com quem fez *Os Sete Gatinhos*, *Bispo Rosário* e, na televisão, *Malhação*. "Natália é a raposa, uma trambiqueira que rouba Pinóquio. Mas nesta peça existe um certo affair entre eles", revela Moacyr.

Quanto ao nariz comprido, ele será vislumbrado em certo momento. E mais não pode ser contado para não perder a graça...

Engraçadinha, seus Amores e seus Pecados

Georgiana Góes, Nelson Dantas e Carolina Kasting.

O romance de Nelson Rodrigues é encenado integralmente. Em dois tempos. Por Maria Lúcia Rangel

Asfalto Selvagem – Engraçadinha seus Amores e seus Pecados foi publicada originalmente no jornal *Última Hora*, entre 1959 e 1960, e fez sucesso principalmente entre os leitores masculinos. O romance de Nelson Rodrigues acabou sendo editado em dois volumes, ganhando os títulos de *Engraçadinha, Seus Amores e Seus Pecados dos 12 aos 18* e *Engraçadinha Depois dos 30*. Anos depois, a história ganhou versão na TV Globo. Agora, ao subir aos palcos do Centro Cultural Banco do Brasil, será apresentada integralmente, com a primeira parte dirigida por André Paes Leme e a segunda por Luiz Arthur Nunes.

"Sem dúvida, é um projeto ambicioso", reconhece André Paes Leme, também responsável pelo projeto que coloca 24 atores em cena, o que vai na contramão da maioria das peças que têm sido produzidas.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Amores e mortes

O primeiro volume narra a história de uma jovem que arrebata paixões em Vitória, no Espírito Santo. Engraçadinha é interpretada simultaneamente pelas atrizes Carolina Kasting e Georgiana Góes. A peça começa em 1940, ano em que a personagem está com 18 anos, ainda solteira e desejada por mais de um pretendente. Apesar de noiva de Zózimo (Cláudio Mendes), Engraçadinha ama o primo Sílvio (Kadu Garcia), na verdade seu irmão. Sílvio por sua vez ama outra, Letícia, prima de Engraçadinha, interpretada pelas atrizes Lúlia Spadaccini e Júlia Schaeffer ao mesmo tempo. O relacionamento proibido entre os irmãos culmina com o suicídio do pai da moça, Dr. Arnaldo (Nelson Dantas).

A segunda parte do romance acontece durante o ano de 1959, no Rio de Janeiro, quando Engraçadinha (Cláudia Lira), casada, com filhos e mergulhada numa atmosfera religiosa, luta com todas as forças para apagar as lembranças de uma vida marcada por amores e mortes. Ela reencontra Dr. Odorico (Henry Pagnoncelli), antigo admirador de seu pai e apaixonado por ela. O aparecimento de Odorico faz Engraçadinha reviver todas as dores da juventude, projetadas agora na filha Silena (Miriam Freeland), retrato da mãe aos 18 anos. André deixa claro que não há nenhuma perda para o espectador que não assistir às duas montagens: "as peças são complementares, mas ao mesmo tempo são autônomas."

Convidado por André para dirigir *Engraçadinha Depois dos 30*, Luiz Arthur é velho conhecido do idealizador do projeto. "Não é à toa que eu chamei o Luiz. Fui seu assistente em outras montagens, uma delas *Vestido de Noiva*, também de Nelson, e mais do que seu amigo sou seu discípulo". Profundo conhecedor do dramaturgo, a tese de doutorado de Luiz Arthur foi sobre Nelson Rodrigues.

A Moratória

Peça de Jorge de Andrade sobre a decadência da aristocracia rural paulista nos anos 30. Direção de Sidney Cruz. Elenco: Leonardo Villar, Amélia Bittencourt, Gláucia Rodrigues. **Teatro Sesi** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4163. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$15 (qui., sex. e dom.). R$20 (sáb.). Pré-estréia dias 6, 7, 8 e 9/9 a R$10. Até 28/10.

Apocalipse 1,11

O grupo Teatro Vertigem faz sua terceira montagem, encerrando a trilogia bíblica que começou com *Paraíso Perdido* e *O Livro de Jó*. Criação do grupo com dramaturgia de Fernando Bonassi. **Teatro no antigo prédio do Dops** (Rua da Relação, 40, Centro). Fone: 2225-7148. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui. e dom.), R$25 (sex. e sáb.). Estréia 18/10.

Aracy de Almeida – No país de Araca

Musical em formato diferente criado pelo também diretor Eduardo Wotzik, em cima da cantora e jurada de TV. Elenco: Leandro Hassum, João Carlos Barroso, Roberto Bataglin, Maria Gladys. **Teatro 1 do CCBB** (Av. Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 18h. R$10.

Carícias

Histórias do autor catalão Sergi Belbel sobre relações de casais, mães e filhas, irmãos, jovens e idosos. Direção e tradução de Christiane Jatahy. Elenco: Guta Stresser, Giselle Fróes, Gabriel Braga Nunes, Guilherme Piva, Ricardo Blat, Oscar Saraiva e Suzana Saldanha. **Teatro Jockey**.(Rua Jardim Botânico, 1003). Fone: 2512-9988. Quinta, sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15.

Casa de Boneca

Texto de Ibsen que discute a situação social da mulher na segunda metade do século XIX. Direção de Aderbal Freire-Filho. Elenco: Ana Paula Arósio, Floriano Peixoto. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** ((Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Casamentos...

Comédia inglesa de Alan Ayckbourn em que um grupo de amigos discute casamento e amizade. Direção de Jacqueline Laurence. Elenco: Sylvia Bandeira, Alice Borges, Beth Erthal, Mário Borges. **Espaço 1 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.). Até 21/10.

Cenas Curtas

Sete histórias de Isis Baião misturando humor e ironia, retratando situações urbanas. Direção de Joaquim Vicente. Elenco: Débora Olivieri, Catarina Abdalla. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 (qui.) e R$20 (de sex. a dom.).

Cócegas

Oito histórias bem-humoradas sobre o universo feminino escritas por duas jovens autoras, Ingrid Guimarães e Heloisa Perissé, também as atrizes do espetáculo. Direção de Aloísio de Abreu, Sura Berditchevsky, Luiz Carlos Tourinho e Marcelo Saback. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Cole Porter – Ele nunca disse que me amava

A história do compositor americano Cole Porter escrita e dirigida por Charles Möeller, com direção musical de Claudio Botelho. Elenco: Ada Chaseliov, Alessandra Verney, Gottsha, Inez Viana, Kiara Sasso e Stella Maria Rodrigues. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte 26 – Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, sexta e sábado, 21h. R$25.

Conduzindo Miss Daisy

A comédia de Alfred Uhry conquistou o Prêmio Pulitzer e sua adaptação para o cinema ganhou três Globos de Ouro e o Oscar de 90. Direção de Bibi Ferreira. Elenco: Nathalia Timberg, Milton Gonçalves e Reinaldo Gonzaga. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 2220-8394. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h30. Domingo, 18h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.)

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

Copenhagen

Peça do inglês Michael Frayn, sucesso internacional traduzida por Aimar Labaki. Direção de Marco Antonio Rodrigues. Elenco: Carlos Palma, Oswaldo Mendes e Selma Luchesi. **Casa da Ciência** (Rua Lauro Müller, 3, Botafogo). Fone: 2542-7494. Sexta e sábado, 20h30. Domingo, 20h. R$20. Até 28/10.

Da Arte de Subir em Telhados

Texto de Paulo de Moraes e Gelson Amaral sobre a delicadeza que se perdeu no relacionamento entre as pessoas. Direção: Paulo de Moraes. Elenco: Patrícia Selonk, Simone Mazzer, Ricardo Grings. **Teatro Casa Grande** (Av. Afrânio de Melo Franco, 290, Leblon). Fone: 2239-4046. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.) e R$25 (sex. a dom.).

Depois da Chuva

Texto do catalão Sergi Belbel sobre a urbanização exacerbada. Direção de Thierry Trémouroux. Elenco: Giovana de Toni, Isabel Gueron, Leonardo Netto, Nina Morena, Pedro Brício. **Teatro do Planetário** – Maria Clara Machado (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2239-5948. Terças e quartas, 21h. R$10.

Deus Late?

O único texto teatral do francês François Boyer põe em xeque a incomunicabilidade e a incapacidade de o homem se render à força do amor. Direção de André Paes Leme. Elenco: Isaac Bernat e Solange Badim. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15.

Divina Delícia

Comédia de Regiana Antonini onde dois atores vivem oito personagens cada um, em situações engraçadas do dia a dia. Direção de Paulo Afonso de Lima. Elenco: Carla Daniel e Rogério Fabiano. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 62, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 (qui.), R$15 (sex. e dom.) e R$20 (sáb.).

Engraçadinha dos doze aos dezoito

O romance de Nelson Rodrigues ganha adaptação teatral em duas partes. A primeira é dirigida por André Paes Leme, com Carolina Kasting, Georgiana Góes. **Teatro II do CCBB** (Av. Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Na primeira semana, de quinta a domingo, 18h. Da segunda semana em diante às quartas, sextas e domingos às 18h. R$10.

Engraçadinha depois dos trinta

Segunda parte do romance de Nelson Rodrigues, dirigida por Luiz Arthur Nunes, com Claudia Lira, Henry Pagnoncelli. **Teatro II do CCBB** (Av. Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Na primeira semana, de quinta a domingo, 19h30. Da segunda semana em diante, quintas e sábados às 18h. Domingo, 19h30. R$10.

Mão na Luva

Peça de Oduvaldo Vianna Filho sobre um casal que questiona o casamento em meio aos acontecimentos, também conflituosos, que caracterizaram o país no fim dos anos 60. Direção de Amir Haddad, com Maria Padilha e Pedro Cardoso. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui. e sex.), R$25 (dom.) e R$30 (sáb.).

O Homem que Viu o Disco Voador

Texto de Flávio Márcio sobre um homem que decide mudar de vida depois de ver um disco voador. Direção de Aderbal Freire-Filho. Elenco: Paulo Betti, Vera Fajardo. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 2239-3511. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.). Até 16/10.

O Irresistível Senhor Sloane

Peça do inglês Joe Orton sobre um irmão e uma irmã que disputam o amor de um jovem. Tradução de Sérgio Viotti. Direção de Ary Coslov. Elenco: Thaís Portinho, Nildo Parente. **Teatro Posto 6** (Rua Francisco Sá, 51, Copacabana). Fone: 2287-7496. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 (qui. e sex.) e R$12 (sáb. e dom.).

Pinóquio

Adaptação livre da história do boneco de madeira que se transforma num menino de verdade, realizada por Amandio Gomes e Moacyr Góes. Direção de Moacyr Góes. Elenco: Leon Góes, André Valli, Natália Lage. **Espaço 3 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6696. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

Sonho de uma Noite de Verão

Visão brasileira moderna da obra de William Shakespeare. Tradução, concepção e direção de Paulo Reis. Elenco: Paulo Reis, Elisa Lucinda, Anselmo Vasconcellos. **Teatro Ziembinski** (Rua Urbano Duarte, 30, Tijuca). Fone: 2254-5399. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10. Estréia 18/10.

South American Way

Musical de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa sobre a trajetória de Carmem Miranda. Direção de Miguel Falabella. Stela Miranda e Soraya Ravenle interpretam duas Carmens num elenco de 18 atores e bailarinos. **Teatro Scala** (Av. Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 2239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. Dependendo do setor onde estiver localizada poltrona, o preço varia de R$30 a R$40.

Três Homens Baixos

Comédia de Rodrigo Murat mostrando as facetas do universo masculino. Direção de Fernando Guerreiro. Elenco: Gracindo Jr., Herson Capri e Jonas Bloch. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Um Dia das Mães

Comédia urbana de costumes de Flávio Marinho, também o diretor e produtor, contando o encontro de uma mãe, dois filhos e mais um convidado trapalhão. Elenco: Eva Wilma, Giuseppe Oristânio, Marcelo Escorel e Sérgio Loroza. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h. R$20 (sex.), R$25 (qui. e dom.) e R$30 (sáb.).

Um Trem Chamado Desejo

Comédia musical do Grupo Galpão que recria o dia-a-dia de uma companhia teatral que vê a salvação no cinema. Argumento do próprio grupo, sob orientação do diretor Chico Pelúsio. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2232-8701. Quinta, sexta e domingo, 19h. Sábado, 21h. Até 21/10.

não perca

O espectador gostou, assistiu e indica

Mão na Luva

O texto do Vianinha é muito atual e o cenário e iluminação foram feitos com delicadeza e sensibilidade. Mas vale prestar atenção no trabalho do Pedro Cardoso, um show. Ele se entrega ao papel de maneira visceral."

Beatriz Napolitani, atriz

Cócegas

"Hilariante. É uma peça repleta de humor inteligente. Tanto Heloisa Perissé quanto Ingrid Guimarães são excelentes atrizes e roteiristas. A peça tem ritmo e é muito divertida."

Mário Frias, ator

O Homem que Viu o Disco Voador

"Acho o espetáculo maravilhoso. Uma direção fantástica do Aderbal, e um texto que revela um autor que poderia ter feito muito mais se não tivesse morrido prematuramente. Destaco as atuações de Paulo Betti e Vera Fajardo."

Antonio Grassi, ator

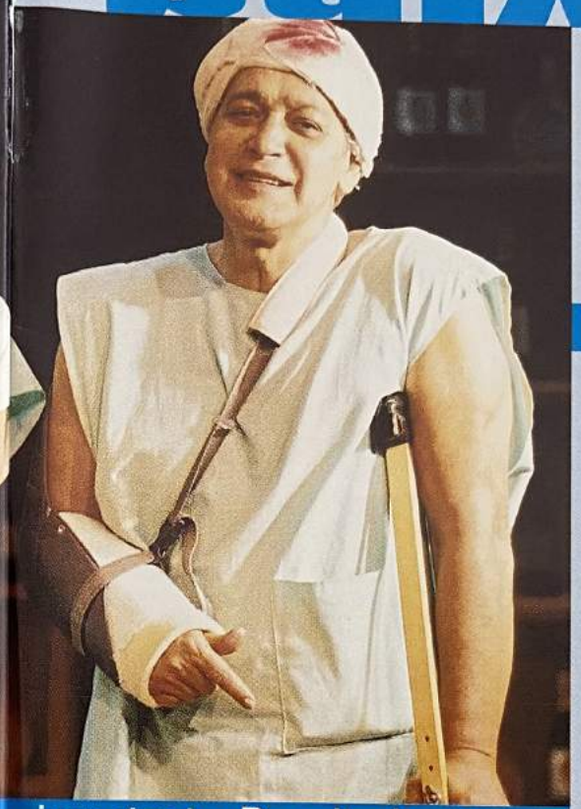
Um Dia das Mães

"A peça é muito delicada e fala com muita sensibilidade e propriedade das relações familiares, principalmente entre mãe e filhos. É um retrato comovente da família."

Cristina Pereira, atriz

Três homens baixos

Hérson Capri, Jonas Bloch e Gracindo Júnior



FOTOS: LENISE PINHEIRO/DIVULGAÇÃO

Um é gay. O outro está sendo traído. E o terceiro ficou impotente. Resultado: uma comédia para rir e pensar. Por Maria Lucia Rangel

"É preciso ser muito macho para fazer um gay". Jonas Bloch ri com a brincadeira, mas admite que o papel interpretado por ele na peça *Três Homens Baixos*, no Teatro Clara Nunes, tem arrancado boas gargalhadas do público desde que estreou em São Paulo, em abril último. Além de Titi, o casado que decide assumir sua homossexualidade, outros dois personagens dão bem a idéia do universo masculino nesta comédia rasgada. Samuca, o deputado interpretado por Gracindo Jr, é um machão traído pela mulher. E Ciro, papel de Herson Capri, é um professor universitário que se torna impotente.

A peça, do estreante Rodrigo Murat, nasceu de uma brincadeira com o nome do espetáculo *Três Mulheres Altas*, montado por Beatriz Segall em 95. Mas a semelhança pára por aí. Os três amigos têm por hábito se encontrar uma vez por ano para colocar a vida em dia. Só que neste último encontro a vida dos três mudou bastante. Os quarentões descobrem que os laços que os unem vão muito além do que supunham e são obrigados a rever seus valores.

"Apesar de ter sido escrita para fazer rir", diz Jonas Bloch, "a peça faz uma crítica ao homem brasileiro diante de situações-limites. Em linguagem popular, a história trata do broxa, do bicha e do corno. A gente foi buscar na forma brasileira de expressão a maneira de encenar, ou seja, na chanchada e no teatro de revista. As pessoas riem tanto que, em certos momentos, temos de esperar o público sossegar para prosseguir."

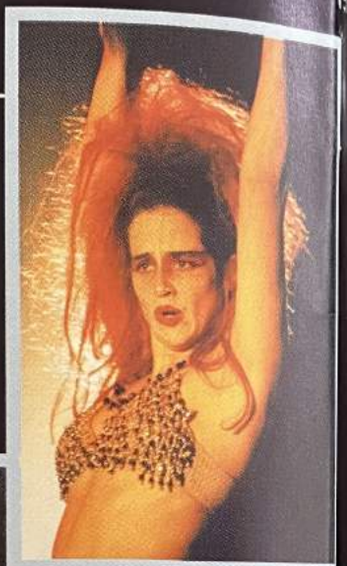
A arte de fazer rir

Os três atores, que só tinham contracenado em novelas, se deram tão bem no palco que a amizade fora de cena acabou sendo transportada para os personagens. "Adoro fazer comédia", admite Jonas. "Não tenho o preconceito que a maioria das pessoas têm. O teatro perdeu muito público porque, durante um certo tempo, elegeu-se um tipo de teatro colonizado, com cara européia, que afastou a platéia. Tanto é verdade que a gente vê muito pouco prêmio para a comédia", reclama. Mas não é fácil fazer rir, ele admite: "muitas vezes você está dizendo coisas muito mais significativas. É preciso ser democrático e fazer todos os tipos de teatro".

Em seu primeiro papel como gay, Jonas reconhece que tem passado por situações inusitadas. Quando sua mulher Sílvia foi visitá-lo no apart-hotel onde se hospedava em São Paulo, e ele explicou quem ela era, as moças que estavam no lobby começaram a rir, duvidando daquele parentesco. E as amigas atrizes que foram vê-lo no teatro não se cansavam de dizer que 'é maravilhoso ver um hetero interpretar um gay". São as recompensas do ofício.

Apocalipse 1, 11

O Teatro da Vertigem agora mostra os caminhos do pecado e do julgamento.



FOTOS: CLAUDIA CALABI/DIVULGAÇÃO

Apocalipse 1, 11 estréia no antigo prédio do Dops trazendo na bagagem quatro prêmios Shell: direção, espetáculo, iluminação e, na categoria especial, melhor grupo de teatro. Terceira montagem do grupo Teatro da Vertigem, criado em 1991, encerra a trilogia bíblica que começou com *Paraíso Perdido,* encenado numa igreja, e *Livro de Jó,* apresentado em um hospital. O objetivo do grupo é questionar, recorrendo a temas como a inocência, a queda do homem, a punição divina, a submissão ao poder do Criador, a fé.

João (Vanderlei Bernardino) está à procura de Nova Jerusalém, cidade mítica da felicidade eterna, reino dos eleitos. Ele recebe a visita de um anjo poderoso (Joelson Medeiros), que lhe anuncia o fim dos tempos e o convoca como testemunha. João passa então a observar o que acontece em torno. Os caminhos que ele percorre, no entanto, não o levam à cidade mítica de suas fantasias bíblicas, mas à cidade real e degradada da virada do milênio, com seus tipos nem completamente demoníacos nem completamente angelicais. João então acompanha o julgamento dessa humanidade aflita para encontrar a paz, não no cenário celestial proposto por sua fé, mas aqui e agora, na própria experiência de seu testemunho. O espetáculo tem ainda outros sete atores.

Punição

O Teatro da Vertigem tem procurado confrontar o homem contemporâneo com a sua dimensão espiritual. Ao longo de suas criações, alguns elementos são característicos, como a construção do espetáculo com base no depoimento dos seus criadores, a exploração de espaços não convencionais e uma pesquisa sobre os processo de interferência na percepção do espectador.

Dirigido por Antonio Araújo, é um dos novos grupos do país que mais prêmios acumulou. Foi também o único grupo brasileiro a participar do festival teatral em comemoração ao centenário do Teatro de Arte de Moscou, no ano passado. *O Livro de Jó* recebeu 16 prêmios na temporada de 95. Os espaços cênicos não convencionais, preferidos pelo grupo, reforçam a idéia central do espetáculo. Em *Apocalipse 1, 11* o tema é a punição – para Antonio Araújo, nenhum lugar seria tão adequado quanto um antigo presídio. Neste ambiente de desolação, os personagens percorrem o caminho dos pecados e do julgamento numa linguagem contemporânea, mostrando a miséria humana dos nosso dias.

Monah Delacy e Paulo Autran em Tiro e Queda, Teatro Ginástico, RJ, 1962

PROJETO MULTISHOW DE INCENTIVO AO TEATRO

multi show

O canal entre o teatro e o público brasileiro.

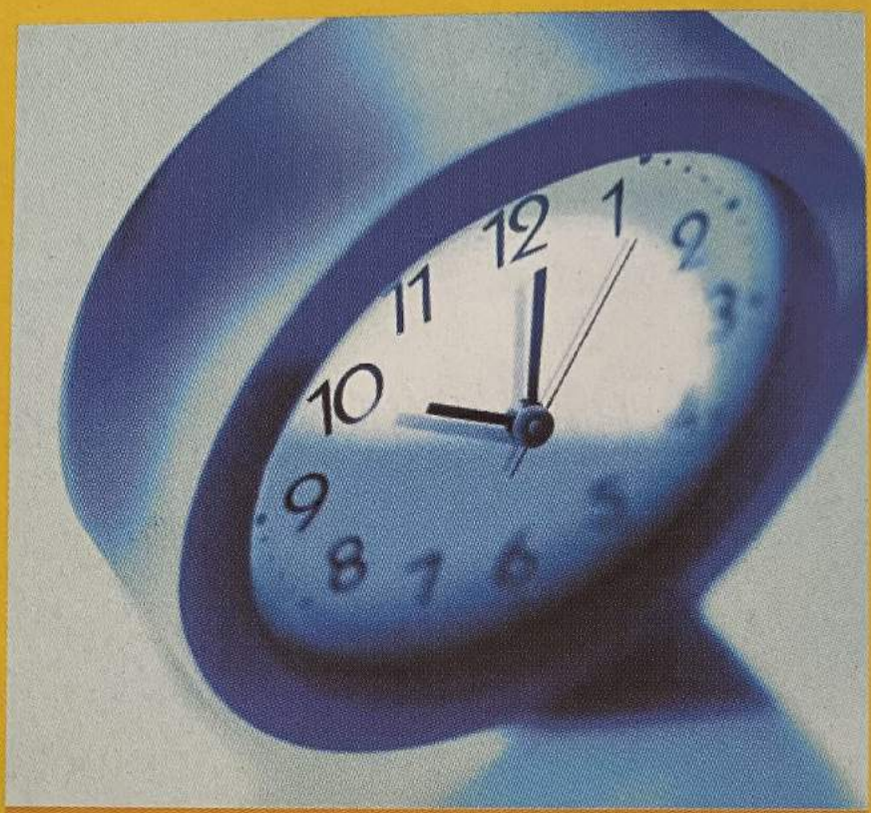
O **Multishow**, como o canal pioneiro no incentivo ao teatro brasileiro, está selecionando peças para o **Projeto Multishow de Incentivo ao Teatro.** O Projeto conta com a cobertura de leituras, ensaios e estréias; produção de *making ofs*; exposição na mídia nas principais capitais; apoio do lançamento no **Multishow em Revista** e divulgação no **Multishow News.**

Envie o seu projeto:
Rua Itapiru, 1209/sala 421 Rio Comprido
20251-032 Rio de Janeiro RJ
ou marketingmultishow@globosat.com.br.

www.multishow.com.br
Para assistir ao Multishow, assine
NET 0800-992211 ou SKY 0800-172728

multi show
CANAL GLOBOSAT

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES
CORREIOS
100% BRASIL
GOVERNO FEDERAL
Trabalhando em todo o Brasil



Não pode passar das 10? Sedex 10.

SEDEX 10
MANDOU, CHEGOU.

Sedex 10. Sua encomenda no destino até as 10 horas da manhã do dia seguinte. O Sedex 10 é o novo serviço dos Correios sob medida para quem tem encomendas que precisam chegar cedo ao destino. É muito simples: você manda a sua encomenda e o Sedex 10 garante a entrega até as 10 horas ou a devolução em dobro do dinheiro pago na postagem. Agora você já sabe: se tem que chegar cedo, só de Sedex 10.

Cidades onde o Sedex 10 está operando: São Paulo • Rio de Janeiro • Belo Horizonte • Curitiba • Porto Alegre • Brasília • Goiânia • Salvador • Recife • Fortaleza. (Recife e Fortaleza apenas para postagem).

OGILVY